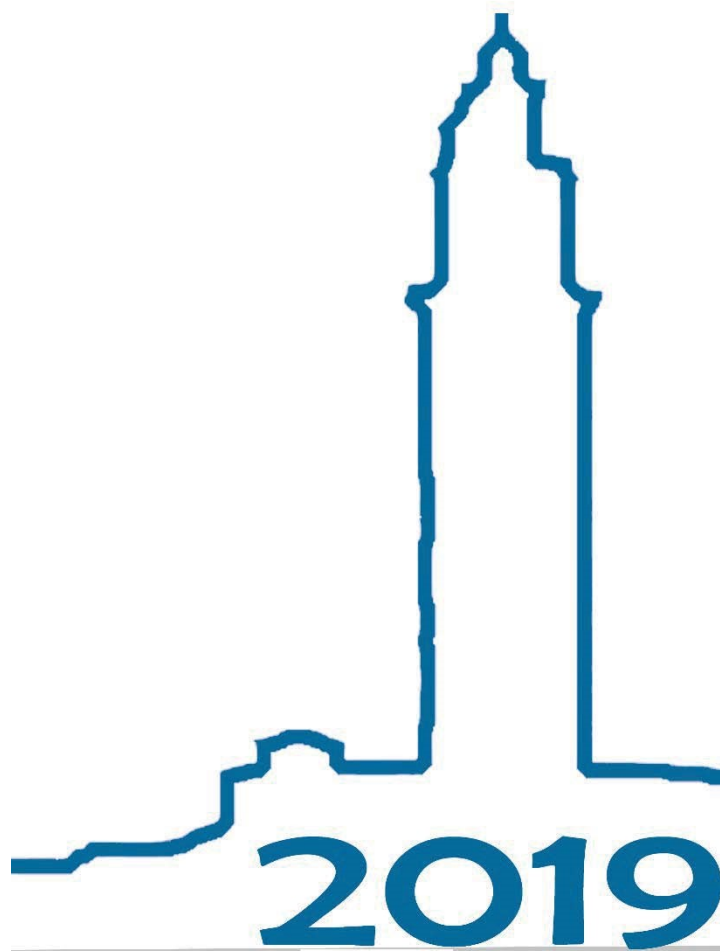


XV CONGRESO INTERNACIONAL GALLEGO-
PORTUGUÉS DE PSICOPEDAGOGÍA

II Congreso de la Asociación Científica Internacional
de Psicopedagogía

Actas



UNIVERSIDADE DA CORUÑA

Editores:

Manuel Peralbo: <https://orcid.org/0000-0002-0013-3423>

Alicia Risso: <https://orcid.org/0000-0001-6955-363X>

Alfonso Barca: <https://orcid.org/0000-0002-0618-8273>

Bento Duarte: <https://orcid.org/0000-0001-5394-5620>

Leandro Almeida: <https://orcid.org/0000-0002-0651-7014>

Juan Carlos Brenlla: <https://orcid.org/0000-0003-0686-3934>

XV Congreso Internacional Gallego-Portugués de Psicopedagogía.

Libro de Actas

Colaboran: Vicerreitoría de Política Científica, Investigación e transferencia Servizo de publicacións da Universidade da Coruña y Asociación Científica Internacional de Psicopedagogía

Colección: Cursos _congresos _simposios, n.º 144

Nº de páxinas: 4518

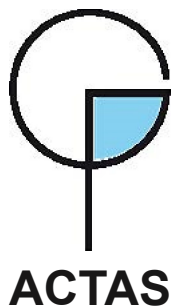
ISBN: 978-84-9749-726-8

DEP. LEGAL: C 1467-2019

DOI: <https://doi.org/10.17979/spudc.9788497497268>

URL permanente: <http://hdl.handle.net/2183/23486>

EDUCAÇÃO INTEGRAL E TERRITÓRIO EDUCATIVO: A EXPERIÊNCIA DO PROGRAMA ESCOLA VIVA NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO// MARIA DEUCENY PINHEIRO	1497
EL TÁNDEM FAMILIA-ESCUELA EN EDUCACIÓN INFANTIL: ¿CÓMO PERCIBEN LOS PADRES LA CALIDAD DE LOS CONTACTOS Y LAS INVITACIONES DE LOS DOCENTES? // ANA RODRIGO ÁLVAREZ, SILVIA LÓPEZ LARROSA	1507
ESTILOS EDUCATIVOS PARENTALES Y AJUSTE PSICOEMOCIONAL DE LOS HIJOS//AS EN FUNCIÓN DE LA ESTRUCTURA FAMILIAR// MARUXA FERNANDEZ-HERMELO, FRANCISCA FARIÑA, DOLORES SEIJO, RAMON ARCE	1517
O PRINCÍPIO DA PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA E DA COMUNIDADE NAS ORGANIZAÇÕES ESCOLARES EM TEMPOS DE APROFUNDAMENTO DAS POLÍTICAS NEOLIBERAIS: UMA PRÁTICA POSSÍVEL?// ANA CLÁUDIA LIMA DE ASSIS	1529
POLÍTICAS PÚBLICAS LOCAIS DE EDUCAÇÃO INTEGRAL: UIM CENÁRIO EM CONSTRUÇÃO// MARIA DEUCENY DA SILVA LOPES BRAVO PINHEIRO PINHEIRO, ALFREDO BRAVO MARQUES PINHEIRO PINHEIRO, ANTÓNIO GOMES FERREIRA FERREIRA	1542
QUALIDADE DE VIDA RELACIONADA COM A SAÚDE E PERFORMANCE ESCOLAR: QUE INTER-RELAÇÕES?// SUSANA MORGADO, SARA FELIZARDO, JOSÉ SARGENTO, ESPERANÇA RIBEIRO, MARIA JOÃO AMANTE	1554
EL DESARROLLO DE APOYOS EN LA INCLUSIÓN Y CALIDAD DE LA ATENCIÓN EN PERSONAS CON TEA// MANOEL BAÑA CASTRO	1562
FAMILIAS Y EDUCACIÓN SOCIAL: UN ANÁLISIS DE LA FORMACIÓN DE LAS EDUCADORAS Y EDUCADORES SOCIALES// LAURA VARELA CRESPO	1578
LOS EFECTOS DE LA IMPLICACIÓN FAMILIAR SOBRE LA MOTIVACIÓN DEL ALUMNADO// AGUSTÍN GODÁS OTERO, JESÚS GARCÍA ÁLVAREZ, DIANA PRIEGUE CAAMAÑO	1590
AVALIAÇÃO LONGITUDINAL DE PROGRAMA MULTIDISCIPLINAR NOS CONHECIMENTOS E CRENÇAS DOS ALUNOS EM RELAÇÃO AO TABAGISMO// MARIA ISABEL SOUSA, ANA CATARINA SAMORINHA, JOSÉ CUNHA MACHADO, JOSÉ ALBERTO PRECIOSO	1601
A PROMOÇÃO DA LEITURA (LITERÁRIA): PROJETO “A BIBLIOTECA VAI A CASA”// CARLOS TEIXEIRA, FERNANDA BRÁS	1613
¿AFECTAN LAS CREENCIAS Y EL CONTEXTO VITAL A LA IMPLICACIÓN DE LOS PROGENITORES EN EDUCACIÓN INFANTIL?// LORENA NEGREIRA NEGREIRA, SILVIA LÓPEZ LARROSA	1626
A EDUCAÇÃO NÃO FORMAL: CONTRIBUTO DO(S) OLHAR(ES) DAS CRIANÇAS// CÁTIA CARLOS, ANGELINA SANCHES, ELZA MESQUITA	1635
VIDA DE CAMPO DE ADOLESCENTES EM ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA NO MARANHÃO – BRASIL// JUDITE ZAMITH-CRUZ ZAMITH-CRUZ, MARLY COSTA	1647
EL ROL DEL PERSONAL RESPONSABLE DE LAS BIBLIOTECAS EN LOS CENTROS ESCOLARES// Mª JOSEFA MOSTEIRO GARCÍA, BEATRIZ GARCÍA ANTELO, Mª DOLORES CASTRO PAIS, CRISTIAN MANEIRO ALONSO	1659
ANÁLISE DAS RELAÇÕES DE GÉNERO NO ATENDIMENTO ESCOLAR OBRIGATÓRIO EM MOÇAMBIQUE – CASO DA PROVÍNCIA DE NIASSA//LINA SALOMÃO	1671
6: FORMACIÓN DE PROFESORES Y AGENTES EDUCATIVOS	1682



XV CONGRESO INTERNACIONAL GALLEGO-PORTUGUÉS DE PSICOPEDAGOGÍA

4, 5 y 6 de septiembre de 2019, A Coruña, España
Asociación Científica Internacional de Psicopedagogía (ACIP)
Universidade da Coruña, Universidade do Minho

A educação não formal: contributo do(s) olhar(es) das crianças

Non-formal education: contribution of the children's look (s)

Cátia Carlos (0000-0002-6493-4844)¹, Angelina Sanches (0000-0003-1211-1915)², Elza
Mesquita (0000-0001-5986-0839)³

¹Universidade do Minho, Portugal

^{2,3} Centro de Investigação em Educação Básica, Instituto Politécnico de Bragança, Portugal

Nota dos autores

Elza Mesquita elza@ipb.pt

Resumo

Neste artigo discutem-se as potencialidades e constrangimentos com que a educação não formal se confronta na organização do quotidiano formativo e experiencial das crianças, entrelaçando olhares com a educação formal e informal, e tomando em consideração que pode ocorrer através de atividades de instituições e organizações de natureza diversa. Nesta linha, apresenta-se um estudo que integrou como principais objetivos: identificar o tipo de atividades de educação não formal em que as crianças se envolvem; analisar as percepções das crianças acerca das atividades educativas não letivas em que participam; equacionar a(s) forma(s) de ocupação dos tempos livres das crianças. Participaram no estudo crianças dos 6 aos 12 anos de idade, que frequentavam um centro escolar da zona norte de Portugal, integrando elementos do 1.º ao 6.º ano de escolaridade. Para a recolha de dados procedemos à aplicação de um inquérito por questionário. Os resultados evidenciam a participação das crianças em atividades não letivas diversas, bem como o interesse em frequentar atividades também diversificada, destacando de contacto com a natureza, artísticas e desportivas.

Palavras-chave: atividades de tempos livres, educação formal, educação não formal, educação informal

Abstract

In this article we discuss the potentialities and constraints with which non-formal education is confronted in the organization of children's daily and formative daily life, intertwining with formal and informal education, and taking into account that it can occur through the activities of institutions and organizations of a different nature. In this line, a study is presented that integrated as main objectives: to identify the type of activities of non-formal education in which children are involved; analyze the children's perceptions of the non-educational educational activities in which they participate; equate the form(s) of occupation of children's leisure time. The study included children from 6 to 12 years old who attended a school in the northern part of Portugal, integrating elements from the 1st to the 6th year of schooling. For the collection of data, we carry out a questionnaire survey. The results evidenced the participation of children in various non-learner activities, as well as the interest in attending activities also diversified, emphasizing contact with nature, artistic and sports.

Keywords: leisure activities, formal education, non-formal education, informal education

Educação não formal: desafios e constrangimentos

O reconhecimento da importância que alguns movimentos, associações e entidades socioculturais e recreativas assumem, no plano das ideias e das práticas, nos processos de aprender têm contribuído para a valorização da educação não formal na aprendizagem e desenvolvimento das pessoas e sociedades. Como refere Gohn (2014) “falar sobre a aprendizagem e saber, fora das escolas do sistema regular de ensino de um país, implica participar do amplo debate epistemológico sobre a produção de conhecimento no mundo contemporâneo” (p. 35). Em resposta às exigências do mundo contemporâneo e não obstante o relevo que a educação formal (escolar) detém, existe um conjunto de recursos, de matriz não formal, em que as crianças se integram e aprendem que carecem ser tomados em consideração no processo educativo/formativo das crianças e jovens. Todavia, como afirma Palhares (2014), “se por um lado, abre espaço para afirmação de uma conceção de educação mais alargada, por outro, faz repensar as desiguais oportunidades de acesso aos contextos e aos bens culturais que podem, efetivamente, propiciar o reconhecimento social das aprendizagens e o consequente saber-cidadão” (p. 56). Aspeto que nos suscita ainda mais reflexão se considerarmos que, como também refere Palhares (2014), retomando o pensamento de Rogers e Street (2012) e Rogers (2013), “vão surgindo as condições para que no processo de ensino aprendizagem e na produção dos resultados escolares se façam pressentir formas subtis de seletividade social, ancoradas em pré-requisitos (aprendizagens prévias) de natureza informal ou não formal” (p. 52). Assim, a frequência, ou não, de atividades de educação não formal assume importância na construção do percurso escolar das crianças, com repercussões na reprodução social e cultural (La Belle, 1982; Palhares, 2009, 2014). Todavia, não podem deixar de considerar-se as possibilidades diferenciadas que as famílias ainda apresentam para o investimento nas atividades de aprendizagem não formal e informal. Convém explicitar que, quando falamos de educação não formal, não significa que esta se situe fora do contexto escolar, podendo encontrar respostas desta natureza nas escolas. Sabemos que a escola ampliou as suas funções e, atualmente, proporciona diferentes tipos de atividades, com vista ao previsto enriquecimento curricular, promovendo atividades extracurriculares (projetos, clubes, etc.), abertas a todos que as pretendam frequentar. Daí que possa entender-se, parafraseando Palhares (2009), que “a ‘a escola a tempo inteiro’ pode (...) representar uma medida de democratização no acesso a aprendizagens, saberes e actividades culturais, desportivas e artísticas que antes estavam arredadas dos espaços e dos tempos escolares

e apenas preenchiam o dia-a-dia de alguns grupos sociais” (p. 72). Nestas atividades procura-se a articulação do formal e do não formal, no sentido de possibilitar às crianças experiências significativas de aprendizagens. No entanto, corre-se o risco de cair no exagero da aposta em tempos de cariz educativo, tendendo, como referem Cosme e Trindade (2007) para a “hiperescolarização da vida das crianças” (p. 17). Assim, e procurando explicitar o que se entende, no contexto do presente estudo, por educação não formal, apoiamo-nos na ideia de Gohn (2014), ao referir que esta “designa um conjunto de práticas socioculturais de aprendizagem e produção de saberes, que envolve organizações/instituições, atividades, meios e formas variadas, assim como uma multiplicidade de programas e projectos” (p. 40). A abordagem não formal é caracterizada pela flexibilidade e pela criação de oportunidades alternativas de aprendizagem, potencialmente facilitadoras do desenvolvimento de competências essenciais para o sucesso escolar, a integração social e o exercício da cidadania de todos. Nesta linha, aprender em contextos de aprendizagem não formal integra intencionalidade, podendo esse processo ocorrer de forma mais ou menos estruturada.

Opções metodológicas

No sentido de acedermos às percepções e quotidianos socioculturais de educação não-formal em que as crianças participam procedemos à inquirição por questionário, de 109 que frequentavam os 1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º e 6.º anos de escolaridade, nomeadamente uma turma de cada ano de escolaridade, de um centro escolar da zona norte de Portugal. O inquérito por questionário incluía, quanto à forma, questões de resposta *fechada*, *aberta* e de *escolha múltipla*, em conformidade com a classificação de Pardal e Correia (2011). Nas questões de resposta *fechada* solicitou-se aos inquiridos a opção por uma ou mais alternativa e, no final de cada grupo de itens foi incluída a opção “outra(s)”, dando a possibilidade aos inquiridos de complementar a resposta. Entendemos as questões de *escolha múltipla* como sendo aquelas que configuram uma modalidade de resposta fechada, mas que permitem a escolha de uma ou várias respostas de um conjunto de opções apresentadas. Nas questões de resposta *aberta* demos aos inquiridos, liberdade de resposta, nas quais podiam apresentar ideias e tecer comentários que considerassem pertinentes.

Considerando a diversidade de contextos de educação não formal em que as crianças podem integrar-se e aprender, interessou-nos conhecer a suas experiências, em relação aos contextos e atividades em que se envolviam, e com que frequência, bem como as razões e

motivações que orientavam a escolha das mesmas. A recolha decorreu no final do ano letivo de 2017/2018 e o inquérito por questionário foi aplicado, no final, de um tempo de aulas, tendo sido solicitada e concedida a devida autorização e consentimento do órgão de gestão da instituição, dos encarregados de educação e das próprias crianças. Todos os questionários recolhidos foram codificados com um código alfanumérico (c1,...c109), de modo a facilitar a organização dos dados e garantir o anonimato dos inquiridos, prestadores da informação.

Para análise dos dados recorreremos ao tratamento estatístico da informação obtida através das questões de respostas *fechada* e de escolha múltipla e à categorização dos dados de pendor descritivo e qualitativo, recorrendo à técnica de análise de conteúdo, e tomando em consideração os objetivos do estudo e o quadro teórico de referência, como alguns autores sugerem (Ghiglione e Matalon, 2001; Amado, 2017).

Apresentação e análise dos dados

Os dados em análise reportam-se às respostas indicadas pelas crianças em relação às perguntas apresentadas no inquérito por questionário. Para além da caracterização dos participantes, são tomadas em consideração as seguintes dimensões de análise: participação em atividades de educação não formal; regularidade da participação nas atividades; participação na tomada de decisão sobre a escolha das atividades; caracterização das atividades de educação não formal em que as crianças participam; sugestões de atividades.

Em relação aos participantes

Participaram no estudo 109 crianças, sendo 54,1% (59) dos elementos do grupo do sexo masculino e 45,9% (50) do sexo feminino. Ao nível da idade o índice de frequência mais elevado é de crianças com 10 anos (19,3%) seguido das 11 anos (18,4%), com igual índice de frequência surgem as de 6, 7 e 8 anos (14,7% cada grupo etário) e com um índice mais baixo surgem, respetivamente, o grupo de crianças com 9 anos (11,1%) e com 12 anos (7,3%). No que se refere à distribuição das crianças por anos de escolaridade, o grupo de respondentes do 1.º ano é o que apresenta uma dimensão mais extensa, com 24 elementos, e o de menor dimensão é o de 3.º ano, com apenas 13 elementos, como os dados da figura 1 permitem observar.

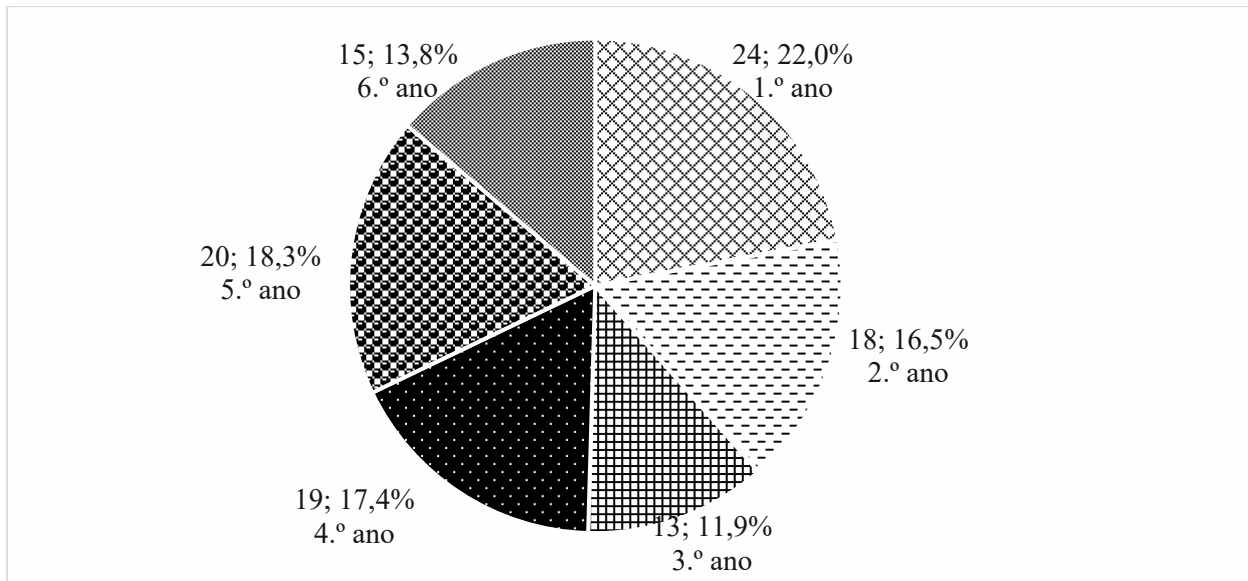


Figura 1. Caracterização dos participantes por ano de escolaridade frequentado

Participação em atividades de educação não formal

Os dados evidenciam a participação das crianças em pelo menos uma atividade de educação não formal. Todavia, destacam-se as atividades extracurriculares e as atividades desportivas, opções assinaladas por 77 (70,6%) das 109 crianças inquiridas. É de considerar que se as atividades extracurriculares são oferecidas na escola, o mesmo não acontece com as atividades desportivas que tanto podem ocorrer no interior desta como em diversos contextos da comunidade local. As atividades a seguir valorizadas referem-se às atividades de tempos livres (38,5%), as atividades de apoio ao estudo (24,8%) e as atividades em instituições culturais (23,9%). Outras atividades também assinaladas, mas por um número mais reduzido de crianças, referem-se à música (11,9%), à aprendizagem de línguas (9,2%) e a explicações ao domicílio (5,5%), como pode ver-se na tabela 1.

Tabela 1

Caraterização das atividades não letivas em que as crianças participam

Colaboração nas atividades	Respostas		% de casos no total que respondeu
	n	%	
Atividades extracurriculares	77	27,7%	70,6%
Atividades de tempos livres	42	15,1%	38,5%
Atividades de apoio ao estudo	27	9,7%	24,8%
Ensino de línguas	10	3,6%	9,2%
Explicações ao domicílio	6	2,2%	5,5%
Atividades em instituições culturais	26	9,4%	23,9%
Atividades desportivas	77	27,7%	70,6%
Música	13	4,7%	11,9%
Total	278	100,0%	

A educação não formal: contributo do(s) olhar(es) das crianças

Atendendo às atividades em que as crianças mais participam, nomeadamente as extracurriculares, de tempos livres, de apoio ao estudo, em instituições culturais e as atividades desportivas, verificou-se pela aplicação do teste do Qui-quadrado que estas não estavam significativamente associadas ao sexo das crianças, deixando perceber que são frequentadas tanto por rapazes como por raparigas. Por outro lado, observou-se que as atividades extracurriculares, de tempos livres, apoio ao estudo e atividades em instituições culturais estavam significativamente associadas ao ano de escolaridade. As extracurriculares, de tempos livres e as realizadas em instituições culturais eram mais frequentadas por crianças do 1.º ciclo e as de apoio ao estudo por crianças do 2.º ciclo do ensino básico.

Regularidade da participação nas atividades

Os dados revelam que as crianças participam com alguma regularidade em atividades não formais, indicando 63 (57,8%) que o fazem diariamente e 16 (14,7%) 4 a 5 vezes por semana, como o gráfico da figura 2 mostra.

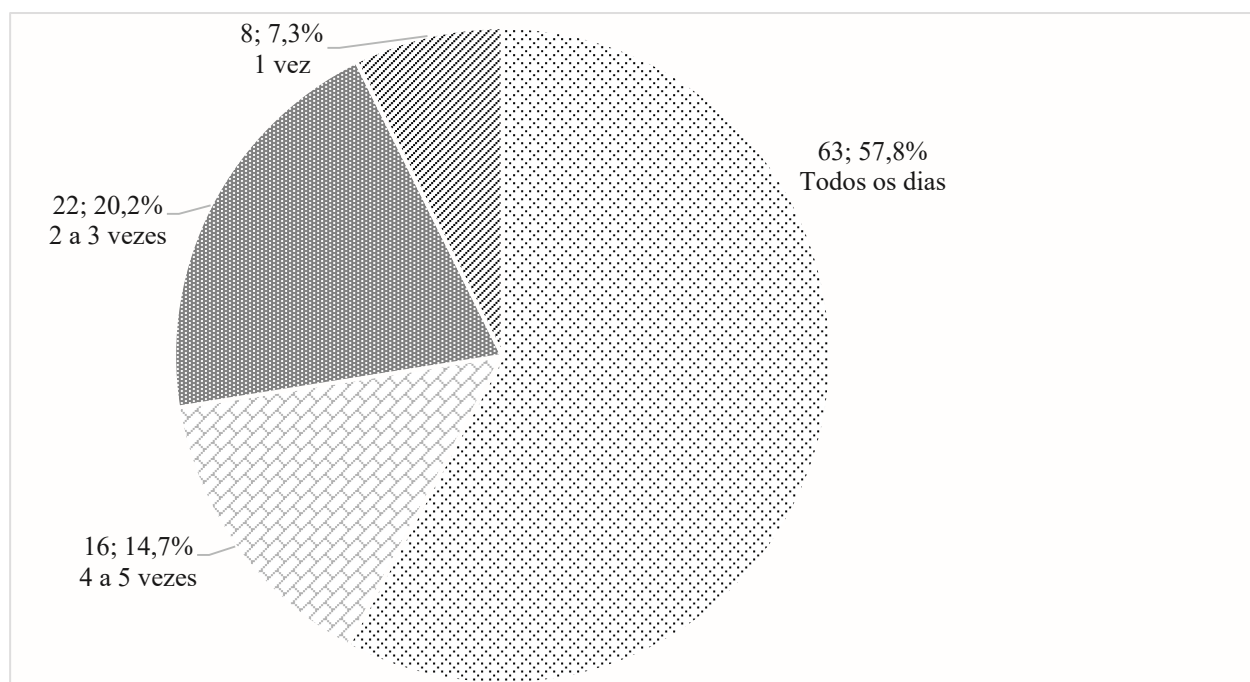


Figura 2. Caracterização do n.º de vezes por semana que as crianças frequentam as atividades

Considerando que entre as atividades mais frequentadas pelas crianças surgem algumas que decorrem semanalmente, pode entender-se que estes dados revelam conformidade com essa participação.

Motivos de participação nas atividades

As crianças identificaram pelo menos um motivo de participação em atividades de educação não formal. Entre os motivos indicados, as crianças destacam o poderem divertir-se (79,8%; 87) e aprender mais (58,7%; 64), seguindo-se o ocupar o tempo, enquanto os pais trabalham (48,6%; 53), como os dados da tabela 2 mostram.

Tabela 2

Caraterização dos motivos da participação das crianças nas atividades

Colaboração nas atividades	Respostas		% de casos no total que respondeu
	n	%	
Poder conhecer novos amigos	38	9,4%	34,9%
Conviver com outras pessoas	34	8,4%	31,2%
Ocupar-me, enquanto os meus pais trabalham	53	13,2%	48,6%
Divertir-me	87	21,6%	79,8%
Ter ajuda nos trabalhos de casa	32	7,9%	29,4%
Ter ajuda na preparação das fichas	28	6,9%	25,7%
Ter apoio em disciplinas com maior dificuldade	18	4,5%	16,5%
Poder melhorar as notas	44	10,9%	40,4%
Aprender mais	64	15,9%	58,7%
Outra razão	5	1,2%	4,6%
Total	403	100,0%	

A valorização da diversão pelas crianças pode entender-se como uma oportunidade de recreação à qual têm direito, mas também de poderem aprender e desenvolver-se, pois como afirma Santos (2010) “enquanto as crianças brincam aprendem” (p. 3). Todavia, como alerta a autora é preciso considerar que “nem sempre compreendemos a importância de brincar, sobretudo no Mundo competitivo de hoje, em que a tentação é evitar que as crianças percam tempo com brincadeiras e o desejo é que o ocupem com atividades aparentemente mais construtivas” (p. 3).

Os contributos dessas atividades em termos do desempenho escolar foram também valorizados por várias crianças, referindo o facto de “poder melhorar as notas” (40,4%; 44). Outras dimensões a seguir valorizadas prendem-se com a possibilidade de estabelecer interações sociais, assinalando “poder conhecer novos amigos” (34,9%; 38); e “poder “conviver com outras pessoas” (31,2%; 34). Por outro lado, o poder contar com apoio para a concretização de tarefas escolares é outra dimensão valorizada, manifestando que as atividades não formais permitem também “ter ajuda nos trabalhos de casa (29,4%; 32) e “na preparação das fichas” (25,7%; 28), bem como “ter apoio nas disciplinas com maior dificuldade” (16,5%; 18). Cinco (5) crianças referiram outros motivos, a saber: aprender a jogar e recomendação médica.

A educação não formal: contributo do(s) olhar(es) das crianças

A globalidade dos motivos identificados e valorizados pelas crianças para a frequência das atividades de educação não formal ilustram o papel que este tipo de atividades pode assumir, no quadro de uma cidadania e aprendizagem bem-sucedidas.

Procurando compreender melhor como eram percecionadas estas atividades pelas crianças, solicitamos-lhe que indicassem se as consideravam importantes, ou não, e que justificassem a opinião expressa. A totalidade das crianças manifestou reconhecer que essas atividades são importantes. Das 109 crianças inquiridas, 84 justificaram a sua opinião, dizendo que era a possibilidade de aprender mais (46,4%), que gostavam de frequentar as atividades (34,5%), que assim não tinham que ficar em casa sozinhas (11,9%) e que era por necessidade de praticar desporto (7,1%).

Participação na tomada de decisão sobre a escolha das atividades

No entender das crianças, como os dados do gráfico apresentado na figura 3 mostram, a decisão de frequentarem as atividades não formais foi tomada pelos pais em conjunto (pai e mãe).

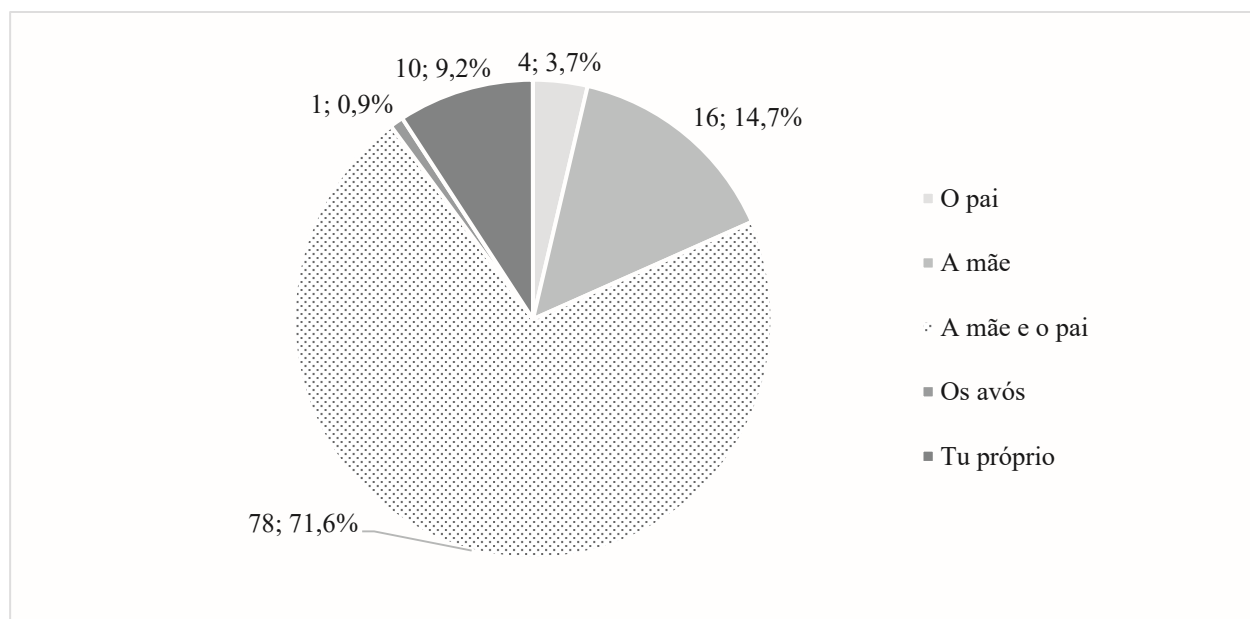


Figura 3. Caracterização de quem decidiu a frequência das atividades não letivas

Para algumas crianças a decisão foi tomada pela “mãe” (14,7%), por elas próprias (9,2%), pelo “pai” (3,7%) e apenas uma criança (0,9%) referiu que foram “os avós”.

Caraterização das atividades não formais em que as crianças participam

Solicitamos às crianças para completarem a seguinte frase: “considero que as atividades em que participo, para além do tempo de aulas, são...”, no sentido de conhecer as suas conceções

sobre este tipo de atividades. Indicaram respostas escritas 107 crianças, e após a análise das mesmas, surgiram as seguintes categorias: (i) importantes; (ii) divertidas; (iii) interessantes e boas; (iv) respondem a interesses pessoais; e (v) exigem esforços.

Os dados revelam que 61 crianças (57%) consideram que as atividades em que participam, para além das aulas, são importantes, e embora algumas (24,6%; 15) se limitem a indicar essa expressão, a maioria explicita as razões porque as entende importantes, referindo que contribuem para: aprender (44,3%; 27); o bem-estar e desenvolvimento pessoal (14,7%; 9); o seu sucesso escolar (8,2%; 5); estabelecer relações interpessoais (8,2%; 5). A título de exemplo, indica-se uma afirmação relativa a cada uma destas subcategorias, salientando as crianças que: “são importantes porque podemos aprender mais” (c47); “importantes para o meu desenvolvimento” (c85); “importantes porque assim posso conhecer mais pessoas para brincar” (c71); “importantes porque ajudam a melhorar as notas” (c54).

As atividades são consideradas divertidas também pela maioria das crianças (56,1%; 60), valorizando o prazer, diversão e descontração que proporcionam, como os seguintes exemplos ilustram: “são muito divertidas” (c1); “divertidas e sempre nos rimos muito com os colegas” (c69); “divirto-me e fico mais aliviada dos problemas” (c100).

Para algumas crianças (13,1%; 14) as atividades são interessantes e boas, como os seguintes exemplos permitem perceber: “São interessantes para mim” (c26); “Têm um bom funcionamento (c92); “gosto muito, pois é muito fixe” (c105).

Outras crianças (5,9%; 6) consideram que as atividades em que se envolvem respondem aos seus interesses, permitindo-lhe fazer o que gostam, como as seguintes afirmações evidenciam: “porque gosto de dançar” (C5); “porque gosto de desenhar” (c10); “porque gosto de praticar e passar o tempo” (c102).

Por sua vez, uma criança (0,9%) sublinha as dificuldades e esforços que exigem algumas atividades, referindo serem: “difíceis, no aspeto de nos termos de esforçar” (c93).

Sugestões de atividades

No sentido de recolher os olhares das crianças sobre as possibilidades de melhoria das respostas de educação não formal proporcionadas às crianças, integramos no questionário uma questão solicitando-lhe: “indica a(s) atividade(s) que gostarias de frequentar nos teus tempos livres e que não frequentas”.

A educação não formal: contributo do(s) olhar(es) das crianças

As respostas das crianças apresentam várias sugestões de atividades, emergindo as seguintes categorias: (i) atividades desportivas; (ii) atividades artísticas; (iii) atividades de contacto com a natureza; (iv) atividade lúdicas; (v) aprendizagem de línguas; (vi) frequência de clubes de leitura e bibliotecas; (vii) explicações; (viii) não frequentar mais atividades.

Ao nível da categoria atividades desportivas emergiram as seguintes subcategorias: modalidades desportivas individuais; modalidades desportivas coletivas, atividade desportiva não identificada. Destacam as modalidades desportivas individuais, podendo estas estar relacionadas com atividades de lazer ou de competição (pingue-pongue, ténis, badminton, boxe, karaté, surf, natação; patinagem, ginástica). A seguir surgem as modalidades desportivas coletivas, entre as quais se destacam o futebol e o basquetebol.

Ao nível das atividades artísticas as crianças relevam as que se relacionam com a dança, a música e as artes plásticas. Quanto às atividades de contacto com a natureza sublinham iniciativas, como acampar, tomar conta de animais e passear. Em relação às atividades lúdicas surgem ideias relacionadas, por exemplo, com andar de baloiço, saltar à corda e realizar jogos. Atividades ao nível das línguas – aprendizagem de inglês e francês –, bem como a frequência de clubes de leitura e bibliotecas, e o recurso a explicações foram também identificadas pelas crianças. Algumas crianças manifestam não pretender ver alargada a participação em atividades não formais, como o seguinte exemplo ilustra: “não gostaria de frequentar mais nada do que frequento” (c66).

Os dados permitem ainda perceber que as condições económicas das famílias podem influenciar a escolha das atividades de educação não formal frequentadas pelas crianças, como as seguintes referências evidenciam: “gostava de natação mas não posso porque é muito dinheiro e o meu pai não pode” (c34; “a atividade em que não estou é no inglês, mas os meus pais não têm muito dinheiro” (c44). Nesta linha, sublinha-se o papel que a frequência de atividades extracurriculares promovidas ao nível da escola pode assumir para algumas crianças, no sentido de acesso a oportunidades que nem sempre têm disponíveis, para lá dos muros da escola.

Considerações finais

A preocupação em assegurar às crianças experiências que contribuam para elevar o seu potencial de aprendizagem e de desenvolvimento levou-nos à reflexão sobre o papel que os contextos de educação não formal assumem nesse processo.

Assim, procuramos identificar o tipo de atividades de educação não formal em que as crianças se envolvem, sendo estas de natureza diversificada e ocorrendo com alguma regularidade. As crianças revelam uma apreciação positiva sobre a forma como essas atividades são desenvolvidas, bem como sobre as oportunidades de aprendizagem e recreação que lhes proporcionam. Todavia, no quadro de uma continuada melhoria desse processo, releva-se o envolvimento das crianças na escolha e tomada de decisão sobre as atividades a frequentar, os projetos e as iniciativas a promover, entendendo-os como meios importantes de aprendizagem e exercício da cidadania. Assim, sublinham-se os contributos do estudo para a reflexão e (re)estruturação das respostas educativas não formais, enfatizando a promoção de práticas que favoreçam a recreação, expressão e enriquecimento sociocultural das crianças.

Referências

- Amado, J. (2017). A investigação em educação e seus paradigmas. In J. Amado (coord.), *Manual de investigação qualitativa em educação* (3.^a ed.). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Cosme, A., & Trindade, R. (2007). *Escola a tempo inteiro. Escola para que te quero?* Porto: Profedições.
- Ghiglione, R., & Matalon, B. (2001). *O inquérito teoria e prática* (4.^a ed.). Oeiras: Celta Editora.
- Gohn, M. G. (2014). Educação Não Formal, Aprendizagens e Saberes em Processos Participativos. *Investigar em Educação - II^a Série*, n.º 1, 35-50.
- La Belle, T. (1982). Formal, non formal and informal education: A holistic perspective on lifelong learning. *International Review of Education*, XXVIII (2), 158-175.
- Palhares, J. A. (2009). Reflexões sobre o não-escolar na escola e para além dela. *Revista Portuguesa de Educação*, 22 (2), 53-84.
- Palhares, J. A. (2014). Centralidades e periferias nos quotidianos escolares e não-escolares de jovens distinguidos na escola pública. *Investigar em Educação*, II série, n.º 1, 51-73.
- Pardal, L., & Correia, E. (2011). *Métodos e técnicas de investigação social*. Porto: Areal Editores.
- Santos, L. (2010). Editorial. *Cadernos de educação de Infância*, n.º 90, 3.